

A ética do cuidado de si no campo pedagógico brasileiro: modos de uso, ressonâncias e desafios

Nyrluce Marília Alves da Silva*, Alexandre Simão de Freitas**

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507613>

Resumo

Este estudo objetiva problematizar os usos da noção de cuidado de si foucaultiana no pensamento educacional contemporâneo. Nesse sentido, mobilizando uma ampla pesquisa teórica, investigou-se como pesquisadores brasileiros têm tematizado essa noção para pensar questões filosófico-educacionais. Observou-se que, no último decênio, o cuidado de si emergiu como uma chave analítica *sui generis* para repensar a ideia e os dilemas da formação humana, possibilitando aos educadores delinear formas de resistência crítica e criativa aos desafios éticos, políticos e formativos nos tempos atuais. Isso tem contribuído, sobretudo, para o debate em torno da crítica ao sujeito da educação. Ao mesmo tempo, os usos do cuidado de si indicam a emergência de um quarto movimento da recepção de Foucault na educação, diferindo da hegemonia dos anos 1980 e 1990 em que predominava a acolhida da analítica do poder.

* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil.
nm-alves@hotmail.com

** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil.
alexshiva@uol.com.br

Palavras-chave: formação humana, cuidado de si, sujeito da educação, Michel Foucault, estudos de recepção

The ethics the Care of the Self in the Brazilian pedagogical field: modes of uses, resonances and challenges

Abstract

This study aims to discuss the uses of notion the care of the Self Foucaultian in contemporary educational thinking. In this sense, trough a broad theoretical research, investigated how Brazilian researchers have used this notion to think philosophical and educational issues. We note that, in the last decade, self care emerged as a sui generis analytical key to rethinking the idea and the dilemmas of human formation, enabling educators think form a resistance critical and creative the challenges ethic, political and formative of our time. This has contributed mostly to the debate about the criticism of the subject of education. At the same time, the use the care of the self indicate the emergence of a fourth movement of receipt of Foucault in education, differing from the hegemony of the 1980s and 1990s that prevailed the hegemony the analytics of power.

Keywords: *human formation, care of the self, subject of education, Michel Foucault, reception studies*

Notas introdutórias

Este estudo objetiva problematizar os usos que têm sido feitos da noção de cuidado de si foucaultiana na reflexão pedagógica contemporânea, a fim de apreender suas implicações para a teorização filosófico-educacional. Nesse sentido, exploramos o tratamento dessa noção nos escritos de quatro educadores/pesquisadores – Nadja Hermann, Silvio Gallo, Cláudio Dalbosco e Pedro Pagni – e discutimos como eles utilizam esse preceito para repensar a ideia de formação humana no presente. Parte-se do pressuposto de que a publicação das entrevistas e dos cursos tardios proferidos por Foucault, no *Collège de France*, tem desvelado faces e dimensões do seu pensamento ignoradas ou subestimadas pelas ciências humanas em geral, e pela pedagogia em particular.

Esse é o caso da noção de cuidado de si, anteriormente diluída na genealogia histórica da sexualidade. Atualmente, essa noção adquiriu novas figurações, quando problematizada no contexto dos processos éticos de subjetivação. Observa-se que os pesquisadores do campo educacional têm utilizado essa noção para repensar os dilemas da formação humana, o que parece implicar em uma releitura da crítica ao sujeito da educação¹. Curiosamente, essa retomada do ideal da formação humana, pela cifra do cuidado de si, aponta também que as razões e os modos pelos quais o pensamento de Foucault foi recepcionado nos anos 1980 e 1990, em nosso País, vêm sendo alterados de forma significativa (Gallo, 2008; Ramírez, 2008; Pagni, 2011; Rago, 2008; Veiga-Neto, 2009).

Trata-se de um fenômeno curioso, uma vez que a ideia de sujeito da educação e de outras categorias cruciais para se pensar a ideia de formação humana, até então se ancoravam estritamente nos postulados da filosofia da consciência. Nesse cenário, o pensamento de Foucault era comumente tematizado como desconstrucionista desses postulados, sendo o filósofo apresentado como um anti-humanista inveterado, responsável, dentre outros elementos, por desestabilizar os pressupostos normativos da educação.

Esse posicionamento havia enredado a acolhida de Foucault em aporias, levando a posturas dogmatistas ou niilistas. Logo, não deixa de causar estranheza o fato de Foucault estar sendo, atualmente, acionado para reativar os ideais da formação humana. Convém, entretanto, ressaltar que a incorporação de Foucault, no campo pedagógico brasileiro, tem sido

1. Trata-se, sem dúvida, de uma questão importante, pois, como se sabe, a chamada questão do sujeito polarizou o debate educacional, desde os anos 1990, gerando discussões acirradas na teorização educacional crítica.

marcada por múltiplas recepções. Longe de um movimento estável e linear, sua aceitação na educação tem sido construída em meio a *impactos, polêmicas e surpresas*.

Nos anos 1980, as teorizações foucaultianas sobre o poder causaram impacto no meio intelectual brasileiro. Naquele período, a sua recepção foi delineada pelo contexto sócio-histórico da ditadura militar, o que explica, em parte, o fascínio causado pela analítica do poder foucaultiana entre os intelectuais (Albuquerque Jr, n.d). No campo educacional, as teorizações sobre o poder expressas na obra *Vigiar e punir* marcaram profundamente as análises da escola, a partir dos conceitos de *dispositivo* e *disciplina* (Gallo, 2008; Veiga-Neto, 2009). Já na década de 1990, a recepção de Foucault foi marcada pelos impasses teóricos impulsionados pela difusão do pós-modernismo e do pós-estruturalismo. Ao mesmo tempo em que se consolidam os estudos foucaultianos em educação, também se evidencia uma imensa desconfiança quanto à validade das problemáticas foucaultianas do poder para pensar processos político-educativos emancipatórios. Foucault é apreendido, juntamente com outros filósofos, como um representante das perspectivas de desconstrução dos fundamentos epistêmicos e normativos da educação². No final dessa década, a analítica do poder continua predominante, embora se possa observar também uma pluralização dos domínios de tematização com a expansão do interesse pela dimensão da ética e da governamentalidade.

Nos anos 2000, emerge um Foucault para além do pós-estruturalismo, como o pensador da ética e dos processos de subjetivação. Sua acolhida no campo educacional é marcada pela publicação das entrevistas e dos cursos inéditos proferidos nos últimos anos de sua vida, causando surpresas e estranhamento até mesmo entre os estudiosos de seu pensamento. Por meio desses ditos e escritos tem se desdobrado um novo quadro categorial no tratamento do pensamento foucaultiano pelos educadores. Os educadores têm vislumbrado, nas temáticas da governamentalidade e da ética, fontes potentes para pensar a educação, abrindo novos campos de problematizações.

2. A consolidação das pesquisas em torno de Michel Foucault no campo pode ser observada em obras como *O sujeito da educação: estudos foucaultianos* (Silva, 1994) e *Crítica pós-estruturalista e educação* (Veiga-Neto, 1995), ao mesmo tempo em que a dimensão de desconfiança da validade das pesquisas de Foucault para a educação pode ser observada em *Teoria Educacional crítica em tempos pós-modernos* (Silva, 1993).

Por conseguinte, a ideia de que Foucault seria nocivo para a educação crítica começa também a se modificar, emergindo faces do pensador desconhecidas pelos educadores.

Nessa direção, os usos que os pesquisadores educacionais vêm fazendo da noção de cuidado de

si (Foucault, 2006, 1984) parecem indicar a emergência de uma nova aceitação do pensamento de Foucault, desencadeando, dessa vez, uma reflexão densa e complexa em torno da experiência formativa. Podemos, sem dúvidas, falar de um *quarto movimento* na recepção do seu pensamento na educação, por meio da visibilidade de sua *face pedagógica* (Ramírez, 2008). Assim, de forma paradigmática, Foucault emerge para a teorização educacional contemporânea como um *mestre do cuidado* (Muchail, 2011).

Diante do exposto, abordaremos a seguir os usos pedagógicos da noção de cuidado de si no pensamento dos educadores já mencionados, para, em seguida, tecer considerações finais em torno dos usos, das implicações e dos desafios da *cura sui*, para pensar a formação humana no presente.

Os usos da noção de cuidado de si no campo pedagógico brasileiro

A noção de cuidado de si tem despontando como uma das dimensões da perspectiva da estética da existência que tem sido alvo sistemático de pesquisas e difusão na literatura pedagógica contemporânea³. Embora essa retomada do cuidado de si foucaultiano não seja um fenômeno isolado do campo educacional⁴, é fato que esse preceito tem se destacado nas perspectivas filosófico-pedagógicas que têm sido produzidas no Brasil, adquirindo relevância na tematização da ideia de formação humana em um viés pós-metafísico.

Isso pode ser constatado nas reflexões desenvolvidas por alguns educadores brasileiros, dos quais destacamos Nadja Hermann, Silvio Gallo, Claudio Dalbosco e Pedro Pagni, todos tematizando, em seus projetos de pesquisa e produções acadêmicas, o cuidado de si foucaultiano para repensar a ideia e os dilemas da formação humana em seu tempo⁵.

3. No âmbito das pesquisas desenvolvidas na Pós-Graduação em Educação (Banco de Teses CAPES), tendo em vista que esse espaço é um lócus privilegiado para apreensão das tendências e perspectivas emergentes no campo educacional, encontramos 64 trabalhos, de áreas diversas, em que a noção de cuidado de si foucaultiano foi abordada nesse último decênio. Desse total, 23 pesquisas pertencem ao campo educacional, indicando que essa área tem sido predominante quando se trata do quantitativo de trabalhos desenvolvidos a partir da noção de cuidado de si em chave foucaultiana. Com base nesses dados, foi possível sistematizar seis eixos mobilizadores dessa noção na produção acadêmica, dessa última década, são eles: *teoria e prática pedagógica, práticas de constituição do sujeito, formação docente, gênero e corpo, ensino de filosofia e violência*. Desses eixos, os trabalhos têm se hegemonizado em torno da *teoria e prática pedagógica e práticas de constituição dos sujeitos*.

4. A retomada do cuidado de si não se configura como um fenômeno isolado. Seguindo o campo pedagógico, estão as pesquisas desenvolvidas pela área da Psicologia com 15 trabalhos. As demais produções se diluem entre outros campos do saber, como o da Filosofia com 8 trabalhos, Enfermagem e Saúde Coletiva com 7 trabalhos, Direito com 3 trabalhos, Comunicação com 4 trabalhos, Sociologia, Teologia e Letras com 1 trabalho localizado em cada área. Ao analisar os trabalhos do Grupo de Trabalho de Filosofia da Educação (GT 17), nessa última década, encontramos alguns textos que têm se ancorado especificamente na noção de cuidado de si. Um exemplo disso é o trabalho do pesquisador Carlos Ramírez a (2008) que trata no GT, pela primeira vez, da noção de cuidado de si, ao discutir as implicações pedagógicas e filosóficas da face tardia do Foucault “professor”, e o pesquisador Dalbosco (2009) usa a noção para pensar a coordenação da ação docente.

5. Os critérios utilizados para seleção desses educadores foram: existência de mais de uma publicação sistematizada – entre artigos e capítulos de livros – a respeito da noção de cuidado de si; articulação ou mesmo relevância dessa noção em projetos de pesquisa que eles vêm desenvolvendo; pesquisadores que trabalham diretamente com uma perspectiva de educação como formação humana.

1. O cuidado de si pelo viés ético e estético: Nadja Hermann⁶ e a vida como obra de arte

Na abordagem trazida por Nadja Hermann (2005), a face tardia de Foucault se destaca como uma perspectiva filosófica de estetização da ética. As perspectivas estetizantes da ética seriam, para Hermann, uma exigência diante do processo de pluralização do mundo da vida. Nesse contexto, a noção de cuidado de si articulada aos conceitos de jogos de verdade e estética da existência implicaria, para ela, em uma atitude de crítica às éticas fundadas na razão metafísica e uma abertura para questões como a pluralidade e a diferença na formação ética dos sujeitos. A atitude de crítica passaria fundamentalmente pela concepção de sujeito, que não seria mais apreendido nos termos da metafísica clássica, Hermann (2005) observa que ele “não tem fundamento e se constitui em práticas de si mesmo” (p. 90), fornecendo novas bases para pensar sua formação ética.

Essa crítica se estenderia aos conceitos de autonomia e progresso moral, concebidos como um processo de busca de um “eu verdadeiro”, denunciando que o sujeito nessas éticas racionalizadoras seria, na verdade, normalizado, disciplinado e constituído. É essa compreensão de sujeito que permite apreender o cuidado de si como o exercício de uma crítica imanente aos jogos de saber-poder que atravessam a formação dos sujeitos em nossa atualidade histórica, uma vez que a estética da existência foucaultiana

caracteriza-se por ser crítica ... É crítica enquanto reconhece que os limites de saber e dispositivos de poder, sob os quais se situam nossa experiência, não são imutáveis e a própria experiência histórica aponta que os modos de proceder mudam. A escolha pelo estilo de vida, o trabalho de criação sobre a própria conduta tem o papel de questionar o atual sistema de relações (Hermann, 2005, p. 91).

Hermann ressalta também que o cuidado de si foucaultiano propõe um modelo positivo de experimentação, na medida em que a atitude crítica consiste em “pôr à prova” os limites que nos são impostos e que contribuem para nos fazer ser o

que somos. É em função da experimentação dos limites e das contingências que nos fazem ser o que somos que podemos desenvolver práticas de criação e transformação de nós mesmos. A

6. Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Vem desenvolvendo pesquisas sobre os escritos tardios de Foucault desde os anos 1990, tendo como marco a publicação do artigo “O sujeito, a modernidade, a educação” (1992).

crítica dos limites e a experimentação das práticas de cuidado de si, como criação de novos modos de vida, diz Hermann (2005), “dissolvem os determinismos e abrem um espaço de possibilidade ... às novas exigências da pluralidade, pois podemos constituirmo-nos como sujeitos em função da multiplicidade de experiências” (p. 92). A confluência entre crítica e experimentação tornaria possíveis as ideias de criação e liberdade expressas por Foucault. A liberdade seria a condição mesma para a atitude crítica e a para criação de si. Por isso, as investigações de Foucault conduzem a uma radicalização do exercício dessa *ética-estética*, contribuindo para o desenvolvimento de estudos pedagógicos mais apropriados sobre a pluralidade, a complexidade e a instabilidade dos princípios norteadores do agir humano na atualidade. Uma condição vital para a vida em comum no contexto contemporâneo.

2. O cuidado de si como *educação menor* no pensamento de Silvío Gallo⁷

Enquanto na abordagem de Hermann o cuidado de si emerge pelo viés *ético-estético*, nos escritos de Silvío Gallo (2009, 2008, 2006), as reflexões éticas e políticas em torno do cuidado de si contribuem para a formulação do que ele denomina de “educação menor”. Curiosamente, as conexões entre o cuidado de si e a *educação menor* são elaboradas a partir do exercício da escrita apreendida como uma prática de si, ou seja, como uma *askésis*. Nesse sentido, ele destaca que toda *tekne tou biou* implica em uma *askesis*, e nesse caso a escrita ocuparia, como exercício de pensamento, um lugar vital no modo como o sujeito cuida de si mesmo.

O exercício da escrita materializaria uma função formativa, servindo “como uma forma de transformar a verdade em *ethos*, em forma de conduta para moldar a própria vida, como o artesão que com as mãos dá forma ao barro” (Gallo, 2008, p. 259), para problematizar a reciprocidade na relação de ensinar e aprender. Sua conclusão é incisiva: “o exercício do cuidado do outro, pela educação, pode redundar num cuidado de si, como um reflexo” (Gallo, 2006, p. 186). Assim, ele evidencia que o cuidado de si mesmo desdobra-se em cuidado ético-político do outro.

É nessa direção, diz Gallo, que as investigações foucaultianas nos desafiam a pensar uma *educação menor* apreendida como construção autônoma de si, reconhecendo o fato de que nos consti-

⁷ Professor da Universidade Estadual de Campinas – SP. Em seus escritos, o pensamento foucaultiano tem sido objeto de análise desde a segunda metade dos anos 1990, com a publicação do artigo “Repensar a Educação: Foucault” (Gallo, 1997). Ao longo da última década, suas pesquisas passaram a girar em torno da “filosofia da diferença”, em que um dos seus atuais projetos de pesquisa foca o “efeito Foucault” na educação.

tuímos sujeitos de forma social e coletiva em meio aos jogos de verdade presentes em nossa cultura. Logo, a função do educador não seria predeterminada a partir de um papel social. Ao contrário, essa seria a *educação menor* em que

a reciprocidade de uma ação ética baseada num cuidado de si e num cuidado do outro, em que o jogo da construção da liberdade só pode ser jogado como um jogo coletivo, de mútuas interações e relações, em que as ações de uns implicam em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros; em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros (Gallo, 2006, p. 188).

A educação menor, portanto, supõe a reciprocidade do cuidado constituída na singularidade das relações entre professores e estudantes, sempre na perspectiva de criação de novos modos de vida. A tarefa do educador seria cuidar dos outros e, conseqüentemente, cuidar de sua própria constituição como sujeito da ação pedagógica, indo além dos ditames normativos da educação maior impulsionada pelas políticas governamentais. Essa percepção permitiria repensar a educação como um caminho de formação humana voltada para uma vida não fascista. Mas, para isso, seria preciso aplicar o conceito de cuidado de si às singularidades, e não aos indivíduos, sem o que correríamos o risco de tomar a noção de cuidado como uma mera repetição do mesmo.

3. O cuidado de si na perspectiva de Cláudio Dalbosco⁸: *experiência de si e coordenação da ação docente*

Na perspectiva de Cláudio Dalbosco (2010, 2009), o cuidado de si desdobrado como conversão de si estoica é apreendido como governabilidade de si. As implicações de sua leitura para o campo pedagógico são sistematizadas pelo pesquisador, em dois grandes eixos: o da governabilidade e o da ampliação do conceito de experiência. No primeiro âmbito, da governabilidade, Dalbosco parte de uma crítica que desemboca na questão da coordenação da ação docente.

A crítica inicia apontando a hegemonia dos poderes políticos instituídos, postulando a desobjetificação da noção de poder para compreendê-lo como práticas reversíveis. Esse desvio é importante porque, nos termos de uma coordenação democrática da ação docente, o po-

8. Professor titular da Universidade de Passo Fundo – RS. No projeto de pesquisa, *Formação pedagógica e pensamento pós-metafísico* (2011-atual), Dalbosco utiliza, dentre outros pensadores, o Foucault tardio para discutir a ideia de formação humana na atualidade.

der não pode ser essencializado, remetendo antes a uma relação “ética do sujeito definida pela relação de si para consigo mesmo” (Dalbosco, 2010, p. 98). Sem essa forma de relação ética a si, todo o esforço de Dalbosco para focalizar o modelo estoico de conversão naufragaria, impossibilitando transpor o debate foucaultiano, tal como interpretado pelo autor, para a ação pedagógica.

Do ponto de vista do cuidado de si, o trabalho do educador consiste em conectar as questões existenciais com as questões do conhecimento. Mais diretamente, a ação docente pensada a partir da compreensão mais ampla da governabilidade de si pressupõe ressignificar as relações entre teoria e prática, uma vez que o ensino de saberes e verdades exigiria uma afecção em profundidade no modo de ser dos sujeitos. Por isso, segundo Dalbosco, a ação do educador não pode se circunscrever nem ao mero repasse de saberes, nem ao simples controle disciplinar das relações educativas.

Assim, o segundo eixo de contribuições sistematizadas por Dalbosco refere-se à ampliação do conceito de experiência formativa. Nessa questão, ele também inicia suas reflexões, realizando uma crítica ao modelo cartesiano de experiência ancorada em uma teoria universal do sujeito fundador. Na ótica de Dalbosco, a conversão a si estoica, ao contrário, aponta modos de constituição do sujeito para além da identidade do “quem eu sou”. Essa crítica contribui para recentrar o papel do educador. Se, tradicionalmente, o educador é visto como um transmissor de conhecimentos, o cuidado de si como conversão a si amplia o sentido de sua ação “concebendo-o como alguém que ‘estende a mão’, que ‘faz sair de si’ e o ‘conduz para fora’” (Dalbosco, 2010, p. 102). O que rebate no processo de ensino aprendizagem “chamando a atenção para a indispensabilidade de adotar-se uma visão englobante” (p. 103) nos assuntos relativos à formação humana e deslocando a “ação docente do âmbito objetual para inseri-la na esfera do exercício permanente de si para consigo mesmo, que, conduzido adequadamente, põe a exigência da inclusão moral do outro” (p. 103).

Como resultado dessas contribuições, teríamos, afirma Dalbosco, uma ampliação do poder normativo da teorização educacional, uma vez que, desde a perspectiva foucaultiana do cuidado de si, o sujeito educacional não pode se colocar “fora” da verdade. Em outros termos, a formação do sujeito da educação se ancora na dimensão ética, forjada a partir de uma série de exercícios que visam estabelecer uma relação de si para consigo, questionando sua inserção na própria ordem do mundo. Desse modo,

a reflexão normativa pensada nesses termos conduz ao questionamento ético-existencial sobre o próprio sentido da vida do sujeito que busca a verdade e sobre a própria finalidade de tal busca e isso compõe intrinsecamente o sentido normativo da teoria que pode ser vertido criticamente contra um possível uso exclusivo seu de cunho instrumentalizador (Dalbosco, 2009, p. 14).

Assim, na leitura de Dalbosco, os estudos desenvolvidos por Foucault na *Hermenêutica do sujeito* (2006) “abre-nos um clarão no meio da densa floresta objetificada do conhecimento” (p. 101), possibilitando realizar uma revisão de pressupostos epistemológicos presentes nas teorias educacionais e nas práticas pedagógicas contemporâneas.

4. Cuidado de si e a problematização da *práxis pedagógica* nos escritos de Pedro Pagni⁹

A principal contribuição da leitura que Pagni realiza do cuidado de si, no pensamento tardio de Foucault, aponta para uma reconstrução da relação entre mestre e discípulos no âmbito das práticas de cuidado de si. Pagni (2011) acredita ser possível “vislumbrar os campos de problematização de nossa atitude ética e de nossa ação política diante das vidas, assim como em que sentido a exercemos e como, na qualidade de educadores, em nossa ação pedagógica” (p. 37). O desafio seria como pensar a ideia de arte viver, postulada pelo cuidado de si, em meio à hegemonia das práticas de sujeição na *práxis pedagógica*.

O problema do reconhecimento da ignorância ocupa um lugar significativo no argumento de Pagni (2010). Contrapondo-se a interpretações comuns, no campo pedagógico, ele compreende que a ignorância, tal como abordada na filosofia sócrático-platônica, não se trata de um *quantum* de experiências e saberes acumulados, muito menos estaria atrelada a questões etárias. Antes se trata, na relação entre mestre e discípulo, de um espaço capaz de “fazer brotar a linguagem e o pensamento” diante do “inusitado e do estranhamento que suscitam um no outro” (p. 115). Esse é um passo vital no seu argumento, pois essa ideia de ignorância

possibilita um desdobramento curioso das suas reflexões, rompendo com a noção de infância como uma etapa específica da vida e tomando-a como condição e possibilidade mesma de pensar a própria experiência humana.

9. Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita – Unesp, câmpus Marília. Em suas investigações, as problemáticas tardias de Michel Foucault aparecem articuladas a um conceito-chave: a experiência formativa e os seus modos de manifestação na *práxis pedagógica*.

Em seguida, Pagni aborda o modelo estoico de cuidado. Assim como no cuidado de si socrático, o mestre e o discípulo também sairiam transformados da relação educativa, uma vez que ambos não possuem domínio absoluto sobre os acontecimentos do mundo. Entretanto, a forma de relação e os exercícios sobre si propostos pelo modelo estoico são bastante diferenciados. Foca-se, nesse modelo, a figura e o papel do mestre que não se furta a ensinar seus discípulos por meio de um franco falar (*parresia*) as técnicas necessárias para as experiências da vida, ao mesmo tempo em que os discípulos amam e respeitam o mestre, ouvindo os seus ensinamentos, porque confiam nele e buscam praticar os exercícios para receber os acontecimentos da vida. Mestres e alunos estão direcionados para

buscarem em si mesmos não propriamente o ponto que liga a sua alma com o divino, como em Sócrates, mas as forças vitais, os recursos morais e intelectuais necessários para enfrentar os acontecimentos da vida, almejando serem dignos em sua arte daquilo que a vida lhes reserva e, ao mesmo tempo, aos mistérios característicos de sua própria existência (Pagni, 2011, p. 40).

A partir dessas duas formas de cuidado de si, Pagni (2011) levanta algumas questões que atravessam a educação na atualidade. Inicialmente, ele observa que o cuidado de si socrático permitiria “perceber os limites do que somos e nos transformar, cuidando tanto desse trabalho sobre si quanto do trabalho sobre si dos alunos, para que eles também cultivem a si próprios nessa direção” (pp. 40-41). No cuidado de si estoico, por sua vez, poderíamos “pensar que esse movimento só ocorreria mediante o encontro tanto dos primeiros quanto dos segundos com o acontecimento” (p. 41). Para Pagni, essas duas formas de cuidado se distanciam das artes de governar vigente na escola contemporânea, defendendo que essas perspectivas filosóficas poderiam ser reativadas como condições de produção da educação, como arte de viver e formação humana. Nesses termos, o cuidado de si contribuiria para a transformação do papel do educador.

A terceira forma de cuidado é evidenciada a partir do modelo do mestre cínico que, segundo Pagni (2011), também, carrega importantes contribuições para se repensar a formação humana para além das competências e das exigências unívocas da qualificação profissional. No caso do cinismo, diz ele, a ação pedagógica baseia-se principalmente no discurso de *parresia*, que se manifesta na coerência entre discurso

e vida, na coragem da verdade e na “franqueza exigida na relação com o outro” (p. 43). Semelhante à ideia foucaultiana de crítica,

o mestre cínico também poderia inspirar os educadores a reconhecerem que, embora sua ação política seja muito mais pulverizada, ela se exerce e se explicita em cada gesto, em cada atitude e em cada ato que caracterizam a sua vida, inclusive os presentes na sua ação pedagógica ... expõem eles também, nessa expressão estética de sua existência. Seus modos de subjetivação, o sentido ético que conduz a sua vida como base de sua posição política diante do mundo (p. 42).

Essa atitude, de acordo com Pagni, pode indicar para os alunos modos de vida em que eles se responsabilizam pelas suas escolhas, ao mesmo tempo em que compreendem o sentido da diferença nas relações educacionais.

Em síntese, a partir das formas de cuidado de si socrático, estoico e cínico investigadas por Foucault, Pagni desdobra implicações para o exercício da práxis pedagógica na atualidade. Na sua leitura, o pesquisador admite que os modelos de cuidado de si antigos permitem pensar em uma pragmática de si e em uma dramática do ensino que resgate a dimensão poética da ação pedagógica. Essa seria uma das estratégias do educador para, na sua práxis pedagógica, fazer da vida testemunho do cuidado ético, possibilitando, ao mesmo tempo, que o outro seja afetado pelo discurso poético-existencial da formação humana.

Embora cada um dos educadores desenvolva uma perspectiva analítica singular acerca da noção de cuidado de si, observa-se, como discutiremos a seguir, que suas leituras se encontram em alguns aspectos, sendo possível sistematizar as possibilidades que depreendem para pensar a educação a partir desse princípio.

Considerações finais: o cuidado de si e os desafios de pensar diferentemente a formação do humano

Como se pode observar, alguns conceitos são utilizados, de forma recorrente, pelos quatro pesquisadores para delinear os aspectos referentes aos usos que eles fazem da noção de cuidado de si: a relação sujeito/verdade; modos de subjetivação; ontologia crítica; ética e moral; parresia; ascese; dentre outros. No entanto, a preocupação teórica da qual todos eles partem possui um caráter simultâneo de diagnóstico e de crítica, tomando as reflexões sobre o cuidado de si para ir ao encontro de outros modos de pensar as ideias e as práticas pedagógicas.

No caso de Hermann e Dalbosco, o ponto de partida é a ideia de crise dos fundamentos da educação moderna. Entretanto, enquanto Hermann destaca que as determinações metafísicas já não conseguem justificar a fundamentação ética em educação, diante da pluralidade e da complexidade das sociedades contemporâneas, e que, por isso as perspectivas estetizantes da ética, como a foucaultiana, poderiam contribuir para pensar melhor os destinos da educação no presente; Dalbosco ressalta o fato de que a própria ideia de formação humana sofre um estreitamento na atualidade, e que o cuidado de si em Foucault poderia esclarecer e pensar a racionalidade pedagógica de outros modos.

Gallo e Pagni, por sua vez, aproximam-se, ao tomarem como ponto de partida os fascismos, os dogmatismos e as práticas de sujeição que predominam no pensamento e na prática pedagógica do presente. Para Gallo, o pensamento de Foucault possibilita ir de encontro aos dogmatismos e tornar outra vez o pensamento possível em educação. Pagni acredita que a reflexão do cuidado de si problematiza não apenas a ideia de formação humana, como também reativa as noções de experiência e práxis pedagógica. Importa destacar, contudo, que, ao realizarem suas análises, o que, em geral, eles demarcam é a possibilidade de o sujeito estabelecer outra relação com a verdade a partir das práticas de cuidado de si.

Na esteira de Foucault, eles acreditam na potência analítica da noção de cuidado para o nosso presente histórico, apresentando-a como uma chave analítica ancorada em um terreno distinto da filosofia da consciência, uma vez que sinaliza outra compreensão do *ser*-sujeito e proporciona um movimento de desnaturalização da compreensão que temos das experiências formativas.

Os pesquisadores investigados depreendem da noção de cuidado de si uma possibilidade de crítica, de resistência e de criação. A potência crítica do cuidado de si toca em questões teóricas e práticas, afetando diretamente os ideais modernos como autonomia, experiência e subjetividade, bem como práticas hegemônicas ancoradas numa educação reducionista atrelada à lógica econômica, como as práticas de regulação governamental de cunho neoliberal. A noção de cuidado aponta, assim, formas concretas de resistência ao viés instrumental e utilitarista vigente na pedagogia contemporânea.

Assim, suas análises vislumbram, por meio do cuidado de si, uma possibilidade efetiva de pensar diferentemente os modos de formar o humano, impulsionando a abertura, no campo educacional, de outras vias para experienciar formas de vida

resistentes. É justamente nesse impulso criador imanente ao cuidado de si que, segundo os pesquisadores, se concentram as maiores possibilidades da noção para o exercício da educação no presente.

Nessa direção, suas contribuições para a teorização educacional podem ser agrupadas em três grandes aspectos. O primeiro aspecto diz respeito à compreensão da ideia de *formação humana*, que passa a ser apreendida como possibilidade de criação de novos modos de vida, não se reduzindo, portanto, à aquisição de conteúdos e habilidades instrumentais. Noções como liberdade, autonomia, diferença, singularidade e pluralidade ocupam um lugar central na compreensão de formação. O segundo aspecto, articulado pela potência de criação da noção de cuidado de si, diz respeito à *ação docente* que, pelo viés do cuidado de si, é tematizada a partir de uma conversão no modo de olhar a prática pedagógica. O educador se constituiria como sujeito ético para, nesse movimento, incitar os alunos a se formarem eticamente. A ação pedagógica seria um testemunho do desafio da humanização em meio às práticas relacionais. Por fim, um terceiro aspecto apresenta uma releitura da *concepção de sujeito*. O sujeito é apreendido em bases pós-metafísicas, configurando-se pelas práticas de si. A forma-sujeito emerge em um processo complexo de transformação, no qual o ser-mesmo do sujeito emerge como uma experimentação de si.

No conjunto, essas contribuições materializam a ideia de educação como formação humana em um viés pós-metafísico, uma vez que o sujeito do cuidado de si não seria um *a priori* da experiência formativa, sendo, antes, constituído por ela. Mas, se o sujeito do cuidado de si não é anterior à ideia de formação, fundando-o como na pedagogia iluminista, ele é valorizado exatamente pelo movimento de estranhamento de si que encarna. O sujeito do cuidado de si tem na liberdade sua condição primeira, configurando-se pelas práticas de si, o que significa também que ele não pode ser fruto de uma mera construção discursiva. Podemos falar em linhas gerais, que o uso do cuidado de si esboça uma compreensão de formação humana que se ancora em um *sujeito-devir*.

Desse modo, com base nas reflexões desenvolvidas por Hermann, Gallo, Dalbosco e Pagni, podemos compreender que o cuidado de si postula uma ideia de formação do humano que tem a liberdade como princípio primeiro. A liberdade não seria um conceito essencializado. Antes se construiria em um movimento de vida, em meio à própria vida.

Por isso mesmo a crítica potencializada pelo cuidado de si se desdobraria em uma atitude de resistência às práticas de assujeitamento. E aqui não se trata de engendrar novos preceitos, leis, regras ou diretivas normativas, mas incitar formas outras de experienciar nossos modos de ser-sujeitos da educação, abrindo novos caminhos para os sujeitos da práxis pedagógica fazerem do ato mesmo de educar uma obra de arte.

É fato que ainda existem muitas dimensões a serem exploradas em torno das potencialidades analíticas relacionadas à noção de cuidado de si, sobretudo, porque a recepção específica desse preceito na teorização pedagógica ainda está em pleno fluxo. Noções correlacionadas ao cuidado de si, tais como atitude crítica, experiência, resistência, formas de vida, espiritualidade, *parresia*, *âskesis*, psicagogia, dentre outras, precisam ser exploradas de forma mais aprofundada. Além disso, seria importante explorar mais detidamente a relação entre as noções de liberdade, verdade e cuidado de si, uma vez que se trata de temas cruciais e delicados para o desenvolvimento dos processos formativos.

Referências bibliográficas

- Albuquerque Jr, D. M. de. (n.d). *Vozes sem rosto, sombrias silhuetas: a contribuição da publicação do livro Vigiar e Punir de Michel Foucault para a historiografia brasileira*, pp.1-10. Recuperado em outubro de 2013, de <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>.
- Dalbosco, C. A. (2009, outubro). Por uma filosofia da educação transformada. In *Reunião Anual da ANPEd*, 32 (pp.1-17). Caxambu/MG. Recuperado em outubro de 2013 , de <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5336-Int.pdf>> .
- Dalbosco, C. A. (2010). *Pragmatismo, teoria crítica e educação: ação pedagógica como mediação de significados*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Foucault, M.(1984). *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito*. (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Gallo, S. (1997). Repensar a educação: Foucault. *Filosofia, Sociedade e Educação*. Marília: UNESP, 1(1), 93-118.
- Gallo, S. (2006). Cuidar de si e cuidar do outro. In W. O. Kohan, & J. Gondra. *Foucault 80 anos* (pp.177-190). Belo Horizonte: Autêntica.
- Gallo, S. (2008). Foucault: (Re)pensar a Educação. In M. Rago, & A. Veiga-Neto (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 253-260.
- Gallo, S. (2009). Entre Édipos e o Anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In M. Rago, & A. Veiga-Neto (Orgs.). *Para uma vida não-facista*. (pp. 363-376). Belo Horizonte: Autêntica.
- Hermann, N. (2005). *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Muchail, S.T. (2011). *Foucault, mestre do cuidado*. São Paulo: Loyola.
- Ramírez, C. E. N. (2008, de 19 a 22 de outubro). Foucault professor. In *Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu. Recuperado em outubro de 2013, de <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4152-Int.pdf>>
- Pagni, P. A. (2010). Um ensaio sobre a experiência, a infância do pensamento e a ética do cuidado: pensar a diferença e a alteridade na práxis educativa. In W. Kohan (Org.). *Devir-criança da filosofia: infância e educação* (pp.63-80). Belo Horizonte: Autêntica.
- Pagni, P. A. (2011). O cuidado de si em Foucault e as suas possibilidades na educação: algumas considerações. In L. A. Souza, T. T. Sabatine, & B. R. Magalhães (Orgs.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. (pp. 19-46). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica.

- Rago, M. (2008). Michel Foucault e o zoológico do rei. In D. M. Albuquerque Jr, A. Veiga-Neto, & A. Souza Filho (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 253-268.
- Silva, T. T. (1993). *Teoria educacional crítica em tempos modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, T. T. (1994). (Org.). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, R.J.: Vozes.
- Veiga-Neto, A. (1995). (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina.
- Veiga-Neto, A. (2009, maio/agosto). *Educação & Realidade. Governamentalidade e educação*, 3 (2), 187-204.

Submetido à avaliação em 9 de setembro de 2013; aprovado para publicação em 1 de agosto de 2014.